

UM PARAÍSO DE ÁGUA E LAMA E O OFÍCIO DO CARANGUEJEIRO: UM BREVE ESTUDO SOBRE O SABER PESCAR CARANGUEJO NO DISTRITO DE VÁRZEA NOVA – SANTA RITA - PB

**Azemar dos Santos Soares Júnior
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB**

“Os mangues são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem, com tudo para servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz. Quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos” (CASTRO, 2003, p. 8).

A descrição feita na epígrafe revela os milhares de homens e mulheres que sobrevivem do mangue, especificamente da pesca do ciclo do caranguejo. São homens e mulheres que se alimentam da carne do caranguejo; tudo o que o organismo não aproveita é expelido em forma de excremento que é direcionado para a lama voltando a tornar-se caranguejo. São milhares de cidadãos, inúmeras comunidades que sobrevivem do que o mangue lhes oferta. Através de entrevistas realizadas com profissionais da pesca do caranguejo, conhecidos por caranguejeiros, que este trabalho se posiciona.

O distrito de Várzea Nova, localizado na cidade de Santa Rita – Pb, possui um grande número de caranguejeiros, que acordam, de acordo com o Sr. Sebastião, entre “às quatro e cinco horas da manhã” para saírem em direção ao mangue e, assim, garantir o sustento da família. São cidadãos que aprenderam a pegar o caranguejo observando seus pais pegarem. Este trabalho não é apenas um estudo de caso, mas também a afirmação de que o saber pescar caranguejo também é patrimônio cultural do nosso Estado.

A definição de Patrimônio Cultural, esboçada por Lemos (2004), revela que patrimônio não são apenas imóveis velhos, em sua maioria em desuso, mas sim “um acervo muito maior que é chamado de Patrimônio Cultural de uma nação ou de um povo” (LEMOS. 2004, p. 7). Desta forma, a idéia do que é patrimônio vai muito mais além do que podemos imaginar, abrangendo três segmentos: o primeiro compreende os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente, ou seja, os rios e as águas destes rios, os peixes e a carne destes peixes, entre outros; o segundo está diretamente ligada à arte do saber e do saber fazer, de ter o conhecimento e saber executar este conhecimento; assim, é necessário saber planejar e executar uma determinada ação; o terceiro e última categoria é o resultado da união das duas primeiras, ou seja, o saber fazer adicionado às

riquezas que a natureza proporciona tem como resultado inúmeros artefatos, objetos, construções, etc.

No nosso caso, fica clara a idéia de que a pesca do caranguejo passeia pelas três categorias, sendo o mangue um habitat natural, recheado de vida animal e vegetal, podendo ser incluído na categoria dos elementos naturais; a oferta de alimento e de fonte de renda faz com que o homem aprenda a buscar na natureza sua sustentação, para isso faz planos e os executa. Estes planos podem ser o simples ato de como chegar até o mangue e, por fim, à diversa sorte de coisas e artefatos que são fundamentais para o desenvolvimento da pesca do caranguejo, ou seja, é necessário que o homem tire do meio ambiente a matéria prima e, a isso, some a experiência, o conhecimento que já possui e desenvolva instrumentos para realizar a pesca. Assim, não nos resta dúvidas de que a pesca do caranguejo é patrimônio cultural.

O paraíso dos caranguejos

Para entendermos o espaço que estamos explorando, faz-se necessário estabelecer alguns conceitos básicos. Quando falamos em mangue, a primeira idéia que nos vem à cabeça é a de um espaço repleto de água e lama, mas, na realidade, o mangue vai muito mais além, os mangues “são ecossistemas que portam comunidades vegetais típicas de ambientes alagados, resistentes à alta salinidade da água e do solo” (RABELO. 1988, p. 7), tal vegetação apresenta raízes altas e emaranhadas na lama, dificultando a locomoção do homem no mangue. Além da vegetação, o mangue compreende o solo e tudo o que mais nele se encontre. De acordo com Silva (2003), ao falar sobre a origem da palavra mangue, afirma que

A palavra mangue tem várias origens. A mais conhecida advém do malaio “mangi-mangii” – árvore de raiz e do termo inglês mangrove, que significa pequeno bosque. Devido às inúmeras tipologias referentes a este ecossistema (mangue, mangal, manguezal, vegetação manguezal), fazemos a opção pelo termo mangue para nos referirmos a esta determinada vegetação. (SILVA, 2003, p. 23)

Os mangues são para as comunidades ribeirinhas a principal fonte de renda, são “criadouros naturais de camarões, caranguejos e muitas espécies de peixes, porque oferecem alimento e abrigos em abundância, beneficiando a procriação e desenvolvimento dos animais” (RABELO, 1988, p. 24). As comunidades que vivem às margens das marés são privilegiadas no que diz respeito à extração de peixes, crustáceos e moluscos, fazendo com que os homens e mulheres que vivem nestas comunidades desenvolvam mecanismos para tal ação, o que Rabelo (1988) chamaria de “uma expressiva importância social, econômica e cultural”. Ainda sobre o mangue, Silva nos diz que

Além de constituir uma região importante para o desenvolvimento das espécies animais e vegetais, o mangue propicia inúmeras atividades econômicas. Muitas comunidades ribeirinhas retiram parte significativa de seu sustento através de atividades vinculadas à pesca de peixes, cata de crustáceos e moluscos e a extração de madeira para o consumo doméstico e/ou comercial. (SILVA, 2003, p. 29)

A partir da necessidade de assegurar a existência física é que o mangue passa a ser um espaço explorado, por ser possuidor de uma grande riqueza natural disponível ao homem. O mangue é garantia de existência para famílias inteiras pelo Brasil afora.

Na obra literária *Homens e Caranguejos*, do escritor pernambucano *Josué de Castro*, ficam expostos os inúmeros problemas pelos quais as comunidades ribeirinhas do rio Capibaribe passam. Mais do que um romance ou um livro de memórias, a obra traz à tona a realidade que é viver às margens de um braço de mar ou, como o próprio autor coloca, “um longo braço de um mar de miséria”. A associação à palavra “miséria” não é atribuída ao mangue em si, mas aos problemas vivenciados às suas margens, que vão desde a condição de pobreza das famílias ribeirinhas até à poluição e destruição dos mangues causados por diversos fatores. Vejamos a seguinte passagem da obra:

“Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues, de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de maresia, nunca mais se podia libertar desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com suas duras carapaças também enlambuzadas de lama” (CASTRO, 2003, p. 3).

O primeiro fator evidenciado na passagem acima é o da fome, numa realidade onde a carne é substituída pelas brancas e poucas carnes do caranguejo, onde o leite é substituído pelo caldo do caranguejo cozido na água e no sal, onde o feijão e o arroz são substituídos pela farinha que acompanha o caranguejo no prato. O segundo fator observado dá-se através da forma como os homens se assemelham ao caranguejo na hora de pescá-lo, ou seja, é necessário ser quase malabarista para driblar as raízes emaranhadas do mangue e se embrenhar, andando de lado para alcançar o crustáceo. O mangue não apresenta apenas a imagem multiforme da vida, mas também a sombra da fome dos que buscam nele seu sustento. Numa outra passagem, o autor explicita bem o ciclo “silencioso” do caranguejo:

“Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, a espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de

fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco matando a sua fome” (CASTRO, 2003, p. 04).

Um alimenta o outro: o homem pesca e sacia sua fome com a carne do caranguejo, logo em seguida parte para o mangue e joga nas marés cascas de frutas, resíduos fecais, resto de farofas que vão servir de alimento para os caranguejos, que engordam e voltam a alimentar os homens.

O Paraíso do homem-caranguejo

A realidade do distrito de Várzea Nova é um pouco diferente da realidade das comunidades ribeirinhas pelo fato de não existir nela uma comunidade ribeirinha. O distrito localiza-se na zona oeste da cidade de Santa Rita, fazendo limite com a cidade Bayeux e ao sul com as regiões alagadas do estuário do rio Paraíba. É uma região cercada por mangues, embora o local onde reside a população do distrito esteja a “mais de hora e meia de viagem”, como afirmou o Sr. Sebastião. Uma das mais antigas atividades econômicas e de subsistência do distrito foi a pesca do caranguejo, que já sustentou inúmeras famílias locais.

Os mangues mais próximos ao distrito de Várzea Nova são banhados pelos afluentes do Rio Paraíba do Norte. Nas proximidades da cidade de Bayeux estão os mangues Paroeira e Ilha Grande, porém a maioria dos caranguejeiros varzenovenses trabalha mais freqüentemente nos mangues de Jaburu e em Catolé, que se localizam depois da Br 101, logo após a comunidade de Castanheiro.

Os costumes, as tradições, a memória são passados de pai para filho, de geração em geração, isto em todas as sociedades. A realidade dos caranguejeiros não poderia ser diferente. O Sr. Sebastião, ao ser interpelado sobre como aprendeu o ofício de ser caranguejeiro, respondeu com um sorriso saudoso seguido da fala entusiasmada: “Aprendi com meu pai. Eu via os outros pegar caranguejo no mangue, meu pai quando queria pegar um caranguejo pra comer ai ia pegar, eu ia mais ele e via ele pegar, daí aprendi a pegar caranguejo”. O mesmo aconteceu com a Sra. Gilvanda, que relatou ter aprendido

vendo meu pai pegar caranguejo, desde os cinco anos que eu já ia com meu pai, e via meu pai pegar caranguejo. Eu via e ajudava a carregar as ratoeiras, e armava as ratoeiras. A partir dos oito anos de idade eu já pegava meus próprios caranguejos, eu até disputava com ele quem é que pegava mais.

A arte de pescar caranguejo também é aprendida pela observação, talvez fruto das características indígenas introduzidas na nossa sociedade, onde as crianças observavam os adultos a cozinhar, a confeccionar artefatos, etc. Pelo fato de estarem distantes territorialmente do mangue, os “pegadores de caranguejo” mantêm uma rotina árdua. Acordam antes das quatro horas da manhã

e, muitas vezes, não têm hora pra ir dormir. A distância que separa o mangue de suas casas é grande, sendo “a maior dificuldade o tempo: [...] se gasta mais de hora e meia de viagem [...] pra chegar no mangue demora, a gente anda muito”. Depois de muito caminhar, é hora de esperar pelo tempo. Não é tão fácil assim pegar caranguejo, são muitas as esperas. Primeiro, é necessário que a maré esteja vazia, seca para que se realize a pesca. Sobre a realização do trabalho no mangue, Dona Gilvanda nos diz que

Depende da maré, se for à maré grande tem que ir de acordo com o horário dela. Se ela tiver baixa pela manhã você vai de manhã se tiver de tarde você vai pela tarde. Ela cheia cobre o mangue todo, aí você não enxerga nada. Tem que trabalhar no mangue de acordo com o horário da maré.

De acordo com Silva (2003)

O tempo é uma categoria fundamental para compreendermos como se dá as ações dos caranguejeiros no mangue. Há um tempo específico para pescar o sururu, o marisco, o siri mole ou duro, os peixes. As atividades se desenvolvem a partir do ciclo lunar que rege o horário das marés, que compreendem as marés seca (quebramento) ou cheia (lançamento). (SILVA, 2003, p. 36)

Os caranguejos de maior interesse dos caranguejeiros são os “uçá” e os “goiamum”. Embora ambos sejam crustáceos, possuem diferenças físicas, bem como diferentes locais de habitação. O caranguejo uçá possui em suas patas maior número de pêlos, sendo possuidores de cascos com tonalidades que variam entre o azul e o preto ou, simplesmente, “escurinho”, como afirmou o Sr. Sebastião. O caranguejo uçá “só se pega no mangue mole, na lama”, segundo Dona Gilvanda. Já o goiamum, de acordo com Dona Gilvanda, “você pega na vargem ou nas matas, no seco, porque o goiamum não dá na lama não, nas ilhotas. Pra pegar o goiamum só se pega com ratoeira, diferente do uçá que se pode usar as armadilhas e/ou pegar-se de mão”. O goiamum é possuidor de tonalidades do casco que variam entre o tom amarelado e o azulado e tem poucos pêlos nas patas. Na comercialização, ambos também assumem diferenças no que diz respeito ao preço: “o goiamum é mais caro, até porque dá mais trabalho para se pegar, daí aumenta o preço” diz Dona Gilvanda.

Não é tarefa fácil embrenhar-se no mangue pra pegar caranguejo. Junto aos entrevistados, tentamos descrever como se realiza tal tarefa, quais os utensílios utilizados, enfim, como lidar com o mangue e suas artimanhas. A forma dita tradicional de se pegar o caranguejo é colocando a mão dentro do buraco sem o auxílio de luvas e pegando o crustáceo. Diante das dificuldades que se fazem presente para chegar até determinados buracos de caranguejo, foram criados instrumentos para prendê-lo, sendo o principal deles a chamada “ratoeira”. Segundo o Sr. Sebastião, a ratoeira passou a ser usada “depois dos anos 70 pra cá, dos anos 70 pra cá aprenderam a pegar na ratoeira, agora nas ratoeira o pessoal pegava caranguejo [...] antigamente ninguém tinha este sistema”. Muito

utilizada, principalmente para se pegar o caranguejo goiamum, a ratoeira é um instrumento fabricado pelos próprios caranguejeiros com material adquirido dentro de casa: as latas de óleo, pedacinho de pau e borracha de câmaras de ar. Muito entusiasmado, o Sr. Sebastião nos ensinou como se faz uma ratoeira:

A ratoeira é feita com lata de óleo, a pessoa vamos supor, pega 100 latas de óleo e com elas dá pra fazer 50 ratoeiras, aí se abre uma tampa, tira o fundo dela, fura dois buracos em cima e fura seis buracos dos lados, aí forma uma ratoeira. Faz um buraco na lata, coloca um pau no meio da tampa, no que puxa aqui com uma borracha no arame que pega na lata. O caranguejo entra, vai comer a isca e a ratoeira dispara. É muito usado pra pegar caranguejo. Eu vivi muitos anos de ratoeira.

Sobre as iscas usadas é Dona Gilvanda que nos dá a dica, afirmando, em tom de graça, que

Dentro das ratoeiras pode colocar pedaços de cana-de-açúcar, e na época que não tem cana bota-se rolinho de mamão, casca de abacaxi, ou de jaca, ou cebola, que vai através do cheiro, também tem que colocar umas folhinha verde, ele só entra na ratoeira de ele ver a folhinha verde. O rolinho só serve para segurar a folhinha. Tanto pra o uçá quanto o goiamum.

Outros métodos mais simples que o uso das ratoeiras também são usados, dentre eles podemos citar o uso de “um galho de duas folhinhas, colocava o galho no buraco do caranguejo, quando ele mordida a folha eu puxava e pegava”, assim nos diz Dona Gilvanda, que prossegue afirmando que “hoje em dia se faz armadilha com fios de nalho, ai coloca-se no buraco e se engalha nas linhas do nalho, ai fica lá, só sai quando a pessoa tira”. Os caranguejos capturados são amarrados com fitas de embira formando as “cordas de caranguejo”. Cada corda possui uma dúzia de caranguejos para os uçá e uma dezena para os goiamum. Dona Gilvanda descreveu como fazia para prender os caranguejos:

Eu prendia os caranguejos na corda com embira, sai colocando um atrás do outro com um nó no meio, até formar o numero de seis, ai depois de seis, junta os dois pares, formando uma corda com doze isso para o caranguejo uçá. Para amarrar o goiamum é diferente você tem que enrolar as patinhas dele todinha com a embira, dar uma laçada pra que eles não se movimentem.

A pesca do caranguejo também apresenta perigos para os caranguejeiros. Ao perguntarmos quais os perigos mais comuns no mangue, o Sr. Sebastião diz que “apresentam sim, tem a ostra que corta a pessoa como navalha, corta muito, e o porocotó, se pessoa não tiver calçado, se a pessoa pisar num negocio daquele só Deus mesmo é quem protege, o porocotó do mangue é mesmo que uma lança fura sapato e tudo”. O porocotó é a raiz das arvores do mangue. O risco de se cortar, de se furar, de se encontrar com animais peçonhentos, como cobras, é muito grande, mesmo assim,

eles não se amedrontam. Da mesma forma que as frutas possuem sua época para dar, os caranguejos também são mais facilmente encontrados em determinados meses. Corre entre os vendedores de caranguejos o ditado de que “caranguejo gordo, só nos meses que não possuem a letra r”, ou seja, os animais só estão gordos nos meses de maio, junho, julho e agosto, mas não é nestes meses o melhor momento para pescá-los. É nos meses da “andada”, em que a pesca torna-se mais fácil, pois os caranguejos estão fora dos buracos. Sobre estes episódios, o Sr. Sebastião conclui que

A melhor época do ano pra pegar caranguejo é agora, setembro, outubro, novembro, enquanto o caranguejo não andar ta tudo bem. Quando começa a andar ai começa a diminuir, eles agora estão tudo situado nos buracos dele. É o período de andata. Quando passar da primeira andata de janeiro, sempre acontece uma andata em janeiro, ai pronto, ele se endoida muito, muita gente pega, mete a mão no buraco. Quando for em fevereiro, ai é que o caranguejo vai ficando mais difícil, o caranguejo começa a se esconder, a carangueja fêmea começa a se esconder, já na andata de fevereiro ela começa a se esconder quando é em março ele já ta escondido, ai quando é no mês de maio que ele começa engordar ai eles começam a aparecer novamente, tanto à fêmea quanto o macho, ai de Santana pra agosto ele desaparece de novo.

Não são todos os caranguejos que são capturados pelos trabalhadores do mangue. É necessário manter uma sintonia com a natureza, para isso, alguns caranguejeiros têm a consciência de que se deve cuidar para explorar mais tarde. Os caranguejos pequenos e as fêmeas são os mais protegidos pelo IBAMA, que proíbe tanto a pesca dos caranguejos fêmea quanto dos caranguejos pequenos. O ciclo de vida dos caranguejos pode ser descrito rapidamente: quando nascem vivem às margens das marés, passam pelo processo de ecdise, ou seja, a muda do casco, e crescem; as fêmeas tem todo ano o período de desova, gerando novos caranguejos. Ao falar deste ciclo, o Sr. Sebastião explica que

O caranguejo cresce direto, por que o caranguejo quando tem a produção de caranguejo essa época, quando ela lava as ovas ai aquelas ovas vai embora, mas com pouco a gente vê o caranguejo no mangue ele do tamanho de nada a gente vê, que lá no mangue onde a gente trabalha lá, a gente vê o caranguejo novinho, ai aquilo num instante vê maiozinho, e maiozinho e no mês de São João o cabra já ta pegando eles.

E ainda continua falando sobre o processo de ecdise, afirmando que

Ele descasca bastante. Se o caranguejo não descascasse assim normal assim, num existia mais caranguejo no mangue, porque ele se acabava, porque o caranguejo o normal dele descascar é um ano, todo caranguejo médio, só descasca de ano em ano, agora o pequeno descasca direto e desde aquele tamanhinho. Quando ele chega num determinado tamanho ele trata de engordar, quando ele cresce ai muda a casca. O grande só de ano em ano, já o pequeno não, descasca direto.

Do mangue para as feiras livres, esse é o principal destino dos caranguejos capturados. Depois de pegos, enfileirados e amarrados em cordas, o trabalhador do mangue pendura as cordas numa vara expondo em cada uma das pontas várias cordas de caranguejo. Esta vara é colocada no ombro e trazida do mangue até Várzea Nova. O primeiro destino das cordas de caranguejo ao chegar no distrito é a feira livre. O Sr. Sebastião diz que “pegava o caranguejo e levava pra Tamarina pra vender”; a Tamarina é uma rua que fica paralela à rua da estação do trem e que, por muito tempo, foi local de venda de carnes, peixes e caranguejos. Pode-se encontrar caranguejo para venda ainda hoje em dois pontos do distrito: na feira principal, localizada na união entre as ruas Anésio Alves de Miranda (antiga rua da Alegria) e a Travessa Gomes Vieira, e na Associação dos Caranguejeiros de Várzea Nova, localizada na rua Thirso Furtado, hoje inativa, servindo apenas de local de venda das cordas de caranguejo. O número de cordas de caranguejo adquiridas por dia até o começo da década de 1990 era, aproximadamente, de “dez cordas, oito cordas, cada corda era vendida a quatro reais”, assim nos disse Sr. Sebastião, o que por mês levantaria uma renda de aproximadamente 600 reais, “depende muito, tem semana que dá, tem semana que não dá [...] agora os mangues estão ruins, antigamente a gente pegava 120 cordas de caranguejo por semana”.

O paraíso recheado de “coisas do outro mundo”

São muitos os mitos e as crenças que norteiam o imaginário dos pescadores. O mais conhecido deles é a figura do Pai do Mangue, conhecido por sua “judiação” com os caranguejeiros. Silva (2003) descreve o Pai do Mangue como sendo “um homem negro, alto, forte, anda geralmente desprovido de roupas e usa um chapéu de palha na cabeça”. Esta descrição é seguida de inúmeros relatos de pescadores e marisqueiras que presenciaram a aparição do Pai do Mangue. Selecionamos alguns dos relatos:

“Dona Lilia, 45 anos, pescadora de arrasto, nos fala sobre as ‘aparições’ do Pai do Mangue: ‘é mais ou menos assim: se você pescar, não pode chamar palavrão, tem inveja com a pesca do colega, muito menos ambição. A gente tem a pesca que merece não é? Então, se no dia que você for pescar, as arvores do mangue começarem a fazer um ruído estranho, pode voltar porque não é dia de pescar não”

“Dona Regina Gomes, 69 anos, ex-pescador de arrasto, nos conta suas experiências na pesca: ‘ele maltrata quem maltrata dele. Ele é uma pessoa boa, sensível. Senti os sinais dele muitas vezes, muito peixe que eu pegava sumia do nada. Ai eu dizia: não pode, meu deus. Nunca mexi com ele. Ele é para respeitar”

A fala de Dona Lilia coincide com a de Dona Gilvanda, onde ela diz que “o povo fala que tem o Pai do Mangue e que não pode chamar nome se não ele se zanga”. A imagem de bondade ou maldade varia de acordo com a experiência vivenciada por cada pescador; enquanto para Dona Lilia o pai do mangue pode ser bom, ao mesmo tempo pode ser ruim, comungando assim com Dona Regina e Dona Gilvanda, que afirmam ser castigados por ele todos aqueles que o desobedecem através de ações como chamar palavrões, sentir inveja do outro, etc. Vejamos a imagem que o Sr. Sebastião tem do Pai do Mangue:

“Tem gente que não acredita, mas acontece que ele judeia com a gente no mangue, é porque ele faz a gente se perder, sem saber, muda o sentido, perde um lugar num canto a gente dá mais de dez viagens passando num mesmo canto e num acha. Isso quem faz é o pai do mangue. Às vezes a gente ta no mangue pescando de corvo, pescando de corvo, a gente ta pescando aqui, ai ele ta assentando corvo perto da gente; a gente assenta os covos, agente assenta os corvos, ai quando senta uns dois ou três ou quatro corvos, tem vez que acontece da gente assentar um aqui outro aculá, senta outro aculá, e acontece que ele ta perto, acontece de ver uma outra pessoa assentando corvo também. Naquela hora que ele ta assentando covo e quando a gente vai tirar ele dá cada corvada lá, chega à gente vê quando levanta o covo, ele tira o covo é uma zoadá medonha, e o da gente num tira nada. A gente sabe que aquilo é intermédio dele. Eu já o vi no mangue pegando caranguejo, só o vi uma vez, era que nem uma pessoa arrancando caranguejo, é ligeiro. A gente mal dá pra observar, e temos medo de olhar porque ele judeia da gente”.

Uma das principais “judiações” provocadas pelo Pai do Mangue é justamente fazer se perder dentro do mangue. É como se o pescador perdesse a noção de espaço, dá-se voltas e voltas, muitas vezes num mesmo local, e não se percebe que se está dando voltas em circulo. Todo pescador tem sua história pra contar, seja boa ou ruim, sempre se vive no mangue experiências algumas vezes “sobrenaturais”. O Pai do Mangue seria uma espécie de “espírito que vive dentro do mangue e seu dever é cuidar das árvores, dos animais” (SILVA, 2003, p. 52). Para não despertar a fúria do Pai do Mangue, geralmente, são feitas oferendas pelos pescadores, e tem que ser em sigilo, caso alguém descubra, perde-se o encantamento. O Sr. Sebastião afirma que “as pessoas é que tem que levar as oferendas, leva fumo e cachaça pra o pai de mangue, os mais velhos diziam e levavam isso [...] mas eu nunca levei, tem muitos deles que tem contato direto com o pai”. As oferendas são uma espécie de presente levado para o Pai do Mangue, que em troca concede ao pescador fartura na pesca; contam os pescadores que ao levar a oferenda e fazer o pedido ao Pai do Mangue é certeza trazer o samburá cheio de peixe, camarão, entre outros.

Quanto à Comadre Florzinha, pouco se escuta falar, tudo que conseguimos saber é que ela é conhecida por seus assobios dentro do mangue e suas lapadas no corpo dos pescadores com galhos de árvores.

Ouvir histórias de pescador, geralmente, é associar a histórias não verídicas, pelo menos é essa a idéia vinculada a estas narrativas folclóricas. Porém, um fato chamou a atenção de todo o distrito de Várzea Nova, logo se espalhou a notícia e todos queriam conferir de perto: era o “caranguejo santo”.

Figura I: Caranguejo santo e Dona Maria Madalena, esposa do caranguejeiro que encontrou o animal.

No carnaval de 1972, especificamente numa sexta feira santa, segundo nos contou Dona Maria Madalena, o seu marido Severino Mariano saiu para ir ao mangue pegar caranguejo no mangue de Jaburu. Quando faltava apenas um para completar as nove cordas de caranguejo, viu de longe um caranguejo grande, bem azul e com patas compridas, movido pela beleza do animal, correu para pegá-lo. Para surpresa de todos, o animal possuía “naquele casco dele um zero e um oito formando o numero oitenta, um zero e um oito e um coração”, disse Dona Maria Madalena. Já em sua casa, colocaram o caranguejo dentro de um aquário de vidro, era um caranguejo uçá macho, despertando a curiosidade dos vizinhos. A noticia logo se espalhou. Com o passar dos primeiros dias, as pessoas ficavam surpresas devido ao fato da água em que o caranguejo estava dentro não ficar suja, nem feder. Dona Maria Madalena afirma com convicção que “o caranguejo não defecava, e todo caranguejo tem que defecar né? E não defecava”. A associação da numeração e do coração no seu casco e o fato de a água não sujar levaram as pessoas a concluírem que o caranguejo era “santo”. Devido ao grande numero de pessoas que começava a se aglutinar na porta da casa do Sr. Severino Mariano, começaram a cobrar a entrada para ver o “caranguejo santo”, a taxa era de 50 centavos. Filas começaram a ser formadas, a esposa de S. Severino Mariano diz que “vinha de todo lugar, de todo canto vinha gente [...] o povo achava bonito, as vezes a gente tava dormindo ai

chegava gente de Natal, de João Pessoa, de Recife, de todo lugar”. A fé no caranguejo santo era tanta que o povo começou a beber a água do caranguejo com a intenção de se curar dos males que assolavam seus corpos:

la muita gente pra ver, e bebiam a água do caranguejo, assim as pessoas melhoravam do que tava passando. O povo tomava a água e a água era toda limpinha, não tinham restos fecais do caranguejo. Ele passou dez dias e dez noites, ai ele morreu.

Jornais entrevistaram várias vezes o Sr. Severino Mariano, que falava entusiasmando sobre a sensação de ter encontrado o caranguejo: “Eu sentia emoção fiquei até doente, era uma emoção tão grande, tão grande”. De acordo com os relatos dos entrevistados, o “caranguejo santo” viveu junto à família do Sr. Severino Mariano dez dias e dez noites. Após a morte do caranguejo, a família resolveu cozinhá-lo para que seu casco fosse preservado e mesmo depois de morto e cozido, o caranguejo santo “não apodreceu, ele não fedia, não caiu uma pata, as patas eram todas por igual” afirma Dona Maria Madalena. Porém, atendendo a um pedido de um padre, após quinze dias de morto o caranguejo santo foi enterrado no quintal da família.

Ainda hoje, mesmo passados tantos anos, a população local lembra com saudade do tempo em que recebeu a visita do “caranguejo santo”, imagem ainda muito viva na memória daquela gente. Quando se fala sobre o tal caranguejo, são muitas as versões que os mais velhos contam, principalmente no que diz respeito à imagem impressa no casco do animal. A família afirma com convicção que a imagem era única: o numero 80 e um coração, que atribuíram ser o “coração de Jesus Cristo”; na contra-mão, outras pessoas afirmam ser a imagem a do rosto de Jesus Cristo, outros apenas o coração de Cristo mesmo, como afirmara a família. Seja qual tenha sido a imagem impressa, o que fica mais evidente é a associação da imagem a Jesus Cristo, fazendo com que o animal fique conhecido como “caranguejo santo”.

Independente da narrativa, a relação entre o caranguejeiro e as crenças em forças superiores são estreitas. Assim, “podemos considerar que o Pai do Mangue seja um mito porque narra e prescreve a forma como o homem deve se comportar dentro do mangue” (SILVA, 2003, p. 53), da mesma forma a figura da Comadre Florzinha. São seres metafísicos que ditam as normas a serem cumpridas dentro de um determinado espaço: o mangue.

Não é novidade que a presença da Igreja Católica é muito forte na sociedade brasileira. A justificativa cristã de associação do caranguejo que porta uma imagem que lembra a de Jesus Cristo é suficiente para alimentar a fé popular. Para a comunidade varzenovense, o caranguejo “foi um presente de Deus para que seu filho não seja esquecido”.

O paraíso interdito

“Agora os mangues estão ruins”, diz o Sr. Sebastião. Hoje são muitas as dificuldades para os caranguejeiros. Um grande problema em Várzea Nova é que o ofício de caranguejeiro está desaparecendo, os pais não querem que os filhos tenham o mesmo destino de uma vida sofrida, de labuta intensa e árdua. Os caranguejeiros estão desaparecendo, com eles a memória do pescar caranguejo local, isso acontece justamente pela falta de políticas públicas de apoio ao trabalhador do mangue, a introdução, nas escolas do distrito, do respeito ao meio ambiente bem como ao trabalhador, mas principalmente por não perpassar a memória. O Sr. Sebastião diz que “meus filhos vivem todos trabalhando, meus filhos vivem tudo trabalhando nas olarias, no mangue não, não quero filho meu no mangue”.

Existem muitos outros problemas de ordem ambiental que destroem os mangues, a exemplo da “pesca predatória em épocas de desova e acasalamento como grave fator de desequilíbrio do mangue. Outro fator significativo é o desmatamento para construção de casas, venda de fogueiras em épocas de festas e confecção de instrumentos de pesca” (SILVA, 2003, p. 30), soma-se a estes problemas o da poluição das marés, seja por detritos de fábricas e usinas, seja pela ação das próprias comunidades ribeirinhas, que jogam lixo, fezes, urina, etc. Para resolver alguns destes casos, o IBAMA realiza a fiscalização “tomando redes, as canoas, enfim, os seus instrumentos de trabalho, e não realizam programas que fomentem renda durante as épocas de desova e acasalamento das espécies” (SILVA, 2003, p. 34). A produção do caranguejo tem sofrido baixas nos últimos anos, graças ao escasso número de trabalhadores do mangue, à atuação do IBAMA e, principalmente, aos problemas ambientais que assolam os mangues.

Mesmo diante de um quadro onde as perspectivas não são tão positivas, ainda emociona a comunidade sentar numa calçada e ouvir as histórias, algumas vezes fantasiosas, dos pescadores; ainda se saciam com deliciosos pratos preparados com o resultado do trabalho dos pescadores; ainda sustenta inúmeras famílias que sobrevivem do ofício de caranguejeiro.

Entrevistas:

SILVA, Gilvanda Joaquim. **Entrevista concedida a Azemar dos Santos Soares Júnior**. Santa Rita. 30 out. 2007.

SILVA, Sebastião Joaquim. **Entrevista concedida a Azemar dos Santos Soares Júnior**. Santa Rita. 30 out. 2007.

SILVA, Maria Madalena de Souza. **Entrevista concedida a Azemar dos Santos Soares Júnior**. Santa Rita. 02 out. 2007.

Referências

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LEMOS, Carlos A.C.. **O que é patrimônio histórico**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RABELO, Flávia. **Cartilha do Mangue**. São Luís: Editora UFMA, 1998.

SILVA, Antonio. **Caranguejo santo**. 1972. 1 fot.: color.; 10x8 cm.

SILVA, Rubens Elias da. **Sob o olhar do Pai do Mangue**: A relação homem x natureza e a mediação das narrativas míticas – o caso da comunidade da Casa Branca – Bayeux – Pb. João Pessoa, 2003, 87 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Centro de Ciências Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.